

entrevista com roberto freire¹

O escritor, terapeuta, dramaturgo e anarquista Roberto Freire – autor, entre outras obras, de *Viva Eu, Viva Tu, Viva o Rabo do Tatu, Cleo e Daniel e Coiote* – fala, nesta entrevista, sobre o seu novo livro *Sem Tesão não há solução*; sobre a somaterapia e sobre anarquismo. Entrevista concedida a Antônio Carlos Pacheco, Alexandre Ferraz, Joselito Mimoso e Ricardo Líper.

Antônio Carlos Pacheco – Fale-nos sobre o seu livro *Sem tesão não há solução*, data e local de lançamento e sobre o que se trata.

Roberto Freire – O livro está impresso e deve ser lançado entre 10 e 15 de junho em nível nacional. Em Salvador, o lançamento será numa dessas minhas vindas mensais aqui.

É um livro que praticamente continua as reflexões de *Utopia e Paixão* e onde eu procuro estabelecer mais ou menos claramente o que é para mim o meu anarquismo. Neste livro eu desenvolvo uma tese sobre o significado da palavra tesão, no Brasil, da década de 1960 para cá.

A profunda transformação semântica pela qual essa palavra passou corresponde a uma evolução do que seria

a vida do jovem no Brasil, quer dizer a forma pela qual ele vê o mundo e quais as consequências que são deixadas pelo processo da ditadura.

Eu acho que a palavra *tesão* tem mais a ver com o que aconteceu no mundo de 1960 para cá do que o ocorrido no Brasil dessa década para cá. Eu discuto esse aspecto colocando o desenvolvimento da palavra *tesão* como desenvolvimento da consciência anarquista em todo o mundo.

Inicialmente, a palavra *tesão* significava apenas excitação sexual, ereção etc. Hoje, ela é usada com centenas de significados, mas todos ligados basicamente a três coisas, conforme a pesquisa linguística que realizei: prazer, alegria e beleza. Então, eu posso usar a palavra *tesão* especificamente para uma dessas três coisas ou para misturá-las. Não se usa a palavra *tesão* sem que exista pelo menos um dos três elementos citados.

Essa palavra funciona assim como uma espécie de senha que caracteriza uma postura diante da vida e das coisas, diferente da postura tradicional que seria a da vida sem *tesão* ou com o medo do *tesão*.

Na verdade, o *tesão* nunca está ausente, mas você pode estar rejeitando-o, não o utilizando. Ele significa mais ou menos a senha de que algo está por vir, está sendo feito, evoluindo nos últimos anos e vai servir sobretudo ao homem do futuro. Esse homem que não depende do processo social, socializante, da história das guerras, da história genética, que seriam fruto desses conflitos todos que o homem vive. Mas ele vai gerando dentro de si algo que de repente vai emergir, e o que caracteriza esse homem do futuro, dentro desse processo tradicional, seria

a palavra tesão. Você localizaria essa pessoa nova como um cara que só vive em função do tesão. Tesão seria uma arma política. Seria não apenas uma sensação física, mas uma perspectiva de vida, e eu vejo uma ligação total dessa ideia com o anarquismo e tudo que tem a ver com isso. Tudo aquilo que rege a teoria anarquista, a meu ver está ligado a isso que tesão significa hoje.

No livro, eu estou exatamente analisando e estudando isso, tentando ver a aplicabilidade disso. O livro se divide em três partes: a primeira traz alguns capítulos de reflexão filosófica, política e psicológica; na segunda parte, estão todas as minhas entrevistas dos últimos 20 anos nas quais o tema tesão esteve presente, em diferentes razões, visando sempre a relação entre tesão e minha visão anarquista; a terceira parte é uma espécie de manifesto, no qual eu explico a relação que existe entre anarquismo e ecologia, tesão-anarquismo e ecologia, baseado em vários estudos que venho lendo, especialmente americanos.

Ficou claro, para mim, a necessidade da separação, por razões políticas, de ecologia e ambientalismo. Para mim, a ecologia só faz sentido se estiver preocupada com a preservação do homem pelos mecanismos de poder. Então, estou pouco interessado, hoje em programas de preservação da natureza, problemas de contaminação do solo, qualidade de vida, tudo isso é absolutamente secundário porque, por trás disso existe uma sociedade não-ecológica que tem que ser trabalhada. Então, o anarquismo entra como uma preocupação central, ou seja, a preocupação principal da ecologia de ser a da implementação de um regime que possibilite a sobrevivência do homem na terra por um novo jeito de organizar a sociedade.

Alexandre Ferraz – Você falou sobre a estreita ligação entre o tesão, seu significado hoje, e o anarquismo. Sentimos que parece haver uma dificuldade por parte das pessoas atraídas pelo tesão de se organizarem anarquicamente. Como é essa identificação entre tesão e anarquismo na prática?

RF – Extremamente difícil, embora seja uma coisa que aflora, vem, aparece. Eu passo o dia todo com essas pessoas ansiosas por conhecer o anarquismo, que não suportam a vida burguesa, autoritária, e, entretanto, estão de tal forma carregadas de autoritarismo, que quando chega a hora prática da desintoxicação burguesa, na hora do vamos ver, da vivência autogestionária, o conflito é muito grande e nós temos muito trabalho. A somaterapia praticamente existe, hoje, em função disso descobrir como ajudar na passagem da vida burguesa para uma vida anarquista. Como fazer, como ajudar as pessoas a encarar, na prática, no cotidiano, essa passagem. Aderir a uma associação anarquista, a um centro de estudos, participar de ações diretas, ler um livro, é coisa muitíssimo fácil. O que está sendo extremamente difícil é tirarmos do anarquista o machismo por exemplo, e conseguir fazer com que o anarquista entenda as opções sexuais como um processo de liberdade e não um processo patológico.

É difícil acabar, dentro da vida familiar do cara que quer ser anarquista, a utilização da chantagem afetiva. Mas também, é um trabalho fascinante, no momento em que você consegue tirar, romper o machismo, romper o autoritarismo e o chantagismo, o anarquismo que existe nas pessoas vem à tona. Não é preciso formar um anarquista. Anarquismo também existe como fator da natureza do

homem. Você tem é que tirar de cima das pessoas o que está impedindo a eclosão natural do anarquismo. Descobri que o caminho correto é o de não utilizar mais a psicologia com esta finalidade. A psicologia, a meu ver, é um inimigo permanente do anarquismo. É uma ciência criada, desenvolvida para servir ao poder autoritário. Não acredito na psicologia como instrumento de liberação. Ela é toda forjada. Vejam o behaviorismo, uma teoria absolutamente de condicionamento, da indução, da domesticação. A psicanálise toda é uma teoria que se baseia no instinto de morte, ou seja, no mal essencial, para as pessoas ficarem permanente submissas, dependentes do poder. Do poder do médico, do poder do psicanalista, refletindo o poder do Estado autoritário. Reich foi o único que tentou romper com isso, mas ainda traz dentro de si uma porção de coisas que ainda são herdadas da psicanálise, herdadas da sua formação, inclusive o seu machismo exacerbado. Mas, enfim, a psicologia não serve para nada. Eu digo nesse livro, inclusive, que a psicologia é a maior das neuroses. É a neurose instituída com o poder de desneurotizar o que ela quer desneurotizar, e neurotizar o que ela quer neurotizar. Então, para nós, a psicologia está totalmente eliminada do processo de trabalho, tanto assim que nós temos em formação cerca de 80 a 100 pessoas, entre as quais uns quatro ou cinco psicólogos, que já rejeitaram a psicologia na sua formação. Temos advogados, cientistas sociais, administradores de empresas, pintores, artistas de teatro, jornalistas, procurando formação e sendo tão úteis como qualquer psicólogo, qualquer psiquiatra, porque todos os conceitos tradicionais da psiquiatria e da psicologia estão fora da *soma*. Nós não precisamos deles. Nós nos utilizamos da política, massa política entendida

como organização, tendo alguns parâmetros bem claros em relação à teoria da ludicidade, do prazer, como sendo indicador da correção ecológica. O prazer indicando o encaminhamento correto da vida.

Então você me pergunta sobre as dificuldades. Elas são grandes, mas são também fascinantes, porque agora nós estamos começando a utilizar, em lugar da psicologia, a ciência política dentro da visão anarquista. Uma sessão de somaterapia é uma sessão de conflitos políticos, de luta política, em que o indivíduo traz uma neurose através de uma opção, modificação da sua opção, consciente ou inconsciente. A opção consciente é muito fácil a gente eliminar, agora a opção inconsciente é a mais difícil, ela aparece sob formas muito sutis. Um exemplo – pacto de mediocridade – coisa com a qual nós trabalhamos muito. É uma forma inconsciente de você não fazer uma evolução, de você permanecer no estágio em que você veio, formado pela sociedade burguesa. Uma pessoa que chega atrasada frequentemente às sessões, é interessante observar que seus companheiros não reclamam. E se você observar o porquê, é porque eles sabem que um dia vão chegar atrasados também, não querem ser acusados. Algo assim como “olha, eu não mexo com você e você não mexe comigo”. Mas isso não é dito. É feito através de acomodações sutis.

Joselito Mimoso – Eu estava meio atrasado e preocupado, numa das sessões, mas me lembrei das últimas vezes que eu tinha chegado no horário e o pessoal atrasado, e isso me deu forças para não ficar preocupado...

RF – Nós estamos trabalhando no plano inconsciente também com o problema das relações afetivas-sexuais desse homem novo, do homem que não vive sob o império do autoritarismo da sociedade burguesa. Vendo se ele é capaz de inventar uma nova forma de amor que não seja a do amor tradicional. Se ele é capaz de realizar uma experiência de casamento aberto, ou então como é que ele lida com o ciúme.

AF – Quando você reúne o pessoal, você tenta tirá-lo dessas pressões todas sob a qual ele vive. Mas quando essas pessoas saem da reunião, elas voltam a viver com o autoritarismo. Isso causa algum desequilíbrio? Como é que as pessoas se comportam diante dessas forças antagônicas.

RF – Em princípio, seria extremamente desvantajoso para nós essa correlação de forças. Você trabalha três horas numa semana, então o indivíduo vai embora e fica uma semana inteirinha dentro da sociedade. Então, a gente dá um passo pra frente e quando ele sai da sessão dá vinte para trás. Então descobrimos uma técnica com a qual temos tentado resolver isso – criação do grupão – aquela sessão que os clientes fazem sem o terapeuta e nesse grupão eles vão descobrindo um jeito de fazer uma microssociedade que produza a terapia nele, porque não é o terapeuta que produz a terapia na *soma*. É a possibilidade do grupo se organizar de tal forma que possa criar normas de relação que correspondem à sua ideologia. Então vai aparecer logo, de cara, o debate ideológico, e se ele mostra que existe ali um bando de pessoas interessadas no socialismo, elas têm que aplicar naquela dinâmica, naquele grupo, a formação

de um socialismo, uma microssociedade socialista. Por que não? Não têm influência nenhuma direta do poder. Aquela sala, aquele templo, é delas, elas podem modificar todas as normas de convivência, o jogo é totalmente franco.

Nas sessões a gente produz também este clima. O terapeuta não tem poder nenhum. É apenas o cara que oferece instrumentos para o trabalho. Ele é um catalisador. Mas ele não terapeutiza ninguém. Faz com que a dinâmica leve as pessoas a começarem a se tratar, na busca, em cada um, da vivência nessa preocupação socialista. Tanto nas sessões, como no grupão, eles combatem tudo aquilo que provocou neurose neles e o que provocou foi eles estarem submetidos à sociedade burguesa ou não se submeterem a ela, ficando em cima do muro. Então esse laboratório é fatalmente aplicado depois no seu cotidiano. O sujeito já tem *know-how*, vivência. Então quando ele for se relacionar com a mulher, com o marido, com o filho, com o patrão, com o amigo, ele quer modificar suas relações e já viu, na vivência do grupo, o que pode acontecer. Então o indivíduo começa a implantar dentro de suas próprias casas, núcleos de vida libertária e passa por experiências difíceis, e aquelas pessoas que conseguem alguma coisa são as que nos dizem que a somaterapia lhe fez bem. Não que cure alguém, porque não se trata disso. Mas acham que a terapia foi útil porque mudaram a forma de amar, de criar, de se relacionar, e essa mudança nasceu de uma experiência vivida em laboratório. Estamos conseguindo algumas vitórias por causa desse laboratório. Se fosse direto: fazer a sessão de terapia e mandar pra casa, eu acho que perderíamos de dez a zero.

Porém, nós começamos com, digamos, 30 pessoas. Vai diminuindo para vinte, quinze e termina com dez, porque

a maior parte vai embora porque não consegue viver o laboratório. E mesmo que consiga, não tem coragem depois de aplicar essas descobertas na vida cotidiana. Outros vão até o fim da terapia. Sabem o que têm que fazer, começam a fazer, mas vem uma reação muito forte por parte do sistema e eles interrompem a sessão. Tipo o cara que quer largar o emprego, precisa largar o emprego escravizante, mas não conseguiu desenvolver uma criatividade competente o suficiente para poder prescindir do sistema, ganhar dinheiro sem precisar do sistema e com a pressão econômica, através de família, filhos, ele acaba retrocedendo.

Ricardo Líper – Abordando o aspecto agora mais político, gostaria de saber como você chegou ao anarquismo...

RF – Eu fui um estudioso de marxismo e desde menino eu vivi enfrentando ditaduras. Enfrentei a ditadura do Getúlio, em tempo de estudante, vivi na faculdade conflitos com a polícia. Foi uma ditadura muito violenta. Acho que o pessoal se esquece. Quando se fala em Getúlio, hoje, lembra-se apenas o seu aspecto trabalhista, mas se esquecem de Filinto Muller, esquecem da repressão que existia naquela época.

Então eu fui uma pessoa que sempre tive uma intuição do socialismo, uma intuição antiautoritária, e veio o marxismo. Era o prato que se oferecia para as pessoas indignadas com a vida. Mas eu sempre tive muita dificuldade e nunca consegui completar meus estudos de marxismo. Tinha alguma coisa que atrapalhava, eu me recusava a uma série de coisas. Eu não via, nessa época,

nada de anarquismo e as pessoas que me ofereciam bibliografia eram marxistas. Então, eu não via nenhuma razão para contestar o marxismo.

Aliás, a mesmíssima coisa aconteceu com a psicologia. Eu fui fazer psicanálise, coisa mais revolucionária que existia na época, década de 50, e a bibliografia que me vinha era completa, sem Reich. Era proibido ler Reich. Bem, eu fui militando politicamente na minha vida sempre acompanhando os marxistas, o pessoal do partido. Tentei entrar para o partido uma vez, mas não tive nenhum interesse em permanecer nas reuniões, eram profundamente desagradáveis, eu sentia que havia uma recusa interna minha em aceitar aquelas normas, como também eles me recusaram muito facilmente. Houve assim um desinteresse mútuo e evidente.

Mas aí veio o golpe e eu precisava militar contra a ditadura. Não só porque eu tinha vivido a violência de um governo Getúlio enquanto estudante. É que eu também tinha sido educado dentro de um autoritarismo familiar que refletia o sistema burguês. Por exemplo: eu fui vítima de uma violência tremenda por parte da minha família, através da dupla vinculação, me fazendo ser médico, coisa que eu absolutamente não suportava, tinha horror à Medicina, mas fui violentado a fazer o curso. Eu tinha também no plano psicológico, no plano familiar, a presença dessa violência autoritária.

Quando veio o golpe, eu estava tentando me aproximar da Ação Popular, mas eu estava mais interessado nessa época em fazer um jornal. Eu estava militando através do jornalismo, neste período, e do Serviço Nacional de Teatro, onde eu encontrava muitos militantes da AP. Nessa

militância de reação à ditadura eu voltei a estudar marxismo-leninismo e sempre com as mesmas dificuldades.

Foi quando eu fiz uma viagem à Itália (já tinha ouvido falar alguma coisa de anarquismo). Meu livro *Cleo e Daniel* estava sendo traduzido para o italiano e por coincidência o tradutor era um militante anarquista. Eu caí dentro de uma casa onde a família era anarquista. A relação com os filhos, a forma como eles produziam e trabalhavam era chocante. Ele me levou a visitar centros anarquistas. Eles coordenavam todas as greves naquela região da Itália, combatendo, simultaneamente, sindicato, patrões, chamando para a consciência revolucionária. Era lindo ver como eles trabalhavam e comecei então a assistir discussões e participei de algumas ações e comecei a ler e tive uma terrível surpresa: era tudo aquilo que eu não conseguia absorver, entender, que eu criticava no marxismo-leninismo, mesmo naquilo que eu lia de Bakunin. É claro que eu nunca tinha pensado aquelas coisas que tinha escrito, mas os anarquistas tinham pensado por mim exatamente o que eu precisava saber para completar a minha noção de mundo, de história política etc. Aí foi uma vertigem. Eu procurei ler o mais possível, mas também não tenho muito saco para ler coisas teóricas, mas tento aproveitar ao máximo. Voltei para o Brasil, procurei o movimento aqui e decidi escrever um livro no qual eu pudesse clarear minhas ideias e mostrar para os companheiros qual era minha posição verdadeira. Foi o *Viva Eu, Viva Tu, Viva o Rabo do Tatu*. Livro caótico. Livro de abrir gaveta, puxar tudo que eu tinha e fazer minha profissão de fé anarquista e comecei, aí, a verificar uma outra coisa maravilhosa também: é que tudo aquilo que eu havia feito com a minha família, com meus filhos, era um trabalho anarquista. Era uma tentativa de descobrir

um jeito novo de organizar uma família, de viver de amor, de cuidar do filho. Eu e minha mulher, juntos, intuímos coisas que hoje eu sei que é a pedagogia anarquista.

Então foi uma paixão, não só porque me satisfazia intelectualmente, satisfazia à alma revolucionária, mas comprovava uma coisa que eu já sabia e já estava fazendo. Daí então comecei a ver a necessidade de se encontrar um meio de militância que atendesse à minha vocação, meu jeito e uma ação anarquista. Foi exatamente o desenvolvimento da somaterapia. Estudei loucamente anarquismo, antipsiquiatria e Reich. Mas o início dos meus contatos militantes anarquistas foi com você. A primeira vez que me dirigi a um anarquista foi a você, Ricardo, através do jornal, deste jornal.

Na Itália, na cidade onde fiquei, Forli, havia coisas bastante interessantes. Foi lá que nasceu Mussolini (risos). Foi lá que eu conheci um menino, que limpava a sede do centro anarquista deles, que uivava, e me deu a primeira ideia de escrever o *O Coiote*.

AF – Você falou antes da entrevista, com a gente, sobre o fato do anarquismo estar em moda e ao mesmo tempo sobre esta sintonia imediata que você teve como o anarquismo quando o descobriu. Até que ponto essa moda seria puramente moda ou seria uma identificação progressiva das pessoas diante da falência dos sistemas que seriam opcionais?

RF – Acho que o interesse real, teórico, sem dúvida alguma é fruto da falência do socialismo soviético. Porque a falência do capitalismo burguês, já não se discute mais. Depois da grande esperança que se teve com o socialismo

soviético e a decepção, qualquer pessoa que realmente se interesse pelo socialismo tem que se voltar para o anarquismo. Se ele estuda um pouquinho de história, ele vê.

Agora, existe uma coisa interessante – antigamente, quando se falava “anarquismo”, imediatamente havia risadas e as pessoas identificavam o termo com caos, bagunça. Hoje já não é mais assim. As pessoas sabem o que é, e mesmo no meio burguês já se tem uma noçãozinha do que é anarquismo. No trabalho da gente, de uma certa forma, vem se trazendo uma credibilidade enorme ao anarquismo.

Dentre os jovens, tem uma moda que me incomoda. Porque é como se dissesse – “Eu sou anarquista e não tenha nada com isso”. “Eu sou anarquista, eu cago pra tudo, eu contesto tudo, vou exercer meu individualismo”. Então é esse aspecto da moda que não gosto muito. Como se no anarquismo coubesse tudo inclusive a indisciplina patológica. O problema da nossa dificuldade de organização, por exemplo, é uma coisa muito grave. Então eu vejo alguns anarquistas terem um tipo de individualismo que é muito mais de origem neurótica do que de origem política. Refuta qualquer possibilidade de organização, como se fosse possível qualquer organização, sem disciplina. No livro *Sem tesão não há solução* eu estudo o conceito anarquista de disciplina para uma vida anarquista. Acho fundamental pensar e refletir sobre isso. Então esses anarquistas da moda, muitos vêm com esta proposta de indisciplina. Eu vejo muito isso nos grupos de terapia. De vez em quando um cara diz pra mim “Eu sou anarquista. Eu sou pelo socialismo libertário, mas não tolero trabalhar em grupo. Não suporto. Não aguento esse problema de horário, as obrigações e tal. Eu quero ser um

anarquista puro”. Esse “puro” é preciso botar aspas, porque justamente o anarquista “puro” é o anarquista autoritário disfarçado. Quer dizer: “Eu faço tudo que me der vontade de fazer, desde que eu mande”.

Há um agravante: nós somos alvo dos dois lados. Porque eles (comunistas e capitalistas) sempre se unem nessa hora. E eu tenho um exemplo típico disso: quando eu publico um livro, saem apenas resenhas pequenininhas, mas nunca um estudo, nunca um destaque. Se meus livros fossem livros que não vendessem, ninguém se interessasse, tudo bem. Mas vendem muito. Eu nunca entendia muito bem o porquê isto acontecia, até que um dia eu perguntei para um amigo jornalista e ele me disse: “Porque você não é nem capitalista, nem comunista e nem mineiro”. Porque se fosse qualquer uma destas três coisas, lógico que saía. Todas as redações de jornais de São Paulo são dominadas por mineiros e mineiros que são ou capitalistas ou comunistas.

Eu sinto em relação a mim uma guerra estabelecida, no campo da difamação. Isto vem da PUC (tenho um assistente que está pesquisando isso. Não para nenhum desagravo, mas para a gente saber de onde vêm essas coisas...). Os professores, os psicólogos da PUC e tal, quase todos eles behavioristas, são pessoas que me criticam muito. Mas é uma crítica que nunca é feita publicamente. Vem dos colegas que fazem terapia sem declarar a sua ideologia e aos quais eu acuso permanentemente de estarem fazendo psicologia de adaptação ao sistema. Vem da família burguesa ou da família “de esquerda”, que quer ver os valores tradicionais mantidos, casamento, pátria, poder, machismo, virgindade das filhas. Quer dizer, todas essas coisas que eu tenho como sendo produtos neuróticos. E há também um problema de mercado – o crescimento da *soma* está tirando clientes

de outras pessoas. Eu fico espantado porque essas pessoas nunca foram a uma conferência minha, nunca publicaram um artigo em jornal contestando o aspecto científico da *soma*, o aspecto ideológico, o aspecto técnico. No entanto, em sessão, os meus colegas dizem que eu sou charlatão, que as minhas sessões são suruba, que todo mundo fica viado ou puta e que eu como todo mundo, todas as mulheres, e outros já dizem também que eu estou transando com homem (levando a um certo questionamento da minha identidade sexual). Fica essa difamação, que afasta muita gente, mas hoje em dia está criando até um certo charme. No fundo, falando sério, acho que tais atitudes já fazem parte de uma tentativa de nos eliminar da seriedade das coisas.

Mas eu sinto um aumento progressivo. Pelo menos na minha área. Eu sempre disse que o terapeuta que não declarar a seu cliente, de imediato, qual é a sua ideologia política, ele está traindo o cliente. Ele vai se utilizar dessa ideologia não declarada como processo de dominação de indução. Agora, se você abre o jogo, diz qual é, o cliente pode até se defender, criticar, ir embora. A maior parte dos terapeutas diz que seu trabalho não é político, é psicológico, como se qualquer relação humana não tivesse um conteúdo político, sobretudo essa, pois há um poder enorme do terapeuta sobre o cliente. Então, se ele não declara a sua ideologia política, ele está exercendo a ideologia vigente.

Então, eu declarava logo que era anarquista, e muitos clientes ficavam bastante incomodados e vários iam embora. Agora está mudando, também porque nós damos muita bibliografia para o cliente novo. Inclusive, estamos agora traduzindo uma revista anarquista francesa muito útil, uma história do anarquismo bastante ilustrada, agradável de ver.

entrevista com roberto freire

ACP – O anarquismo está crescendo e isso dá para a gente notar. Pode até não estar crescendo em termos de organizações formais, mas cresce na consciência das pessoas em geral, em toda parte. No Brasil especificamente onde as coisas chegam muito devagar, as próprias autoridades estão se preocupando com o movimento anarquista. Autoridades que a gente nunca tinha ouvido falar antes de que elas soubessem do que se trata o anarquismo. Sempre os comunistas eram a “ameaça” para o ‘status quo’. Hoje vemos ministros, o presidente e até editores de jornais usarem o termo “anarquismo”. Como você vê isso? Nós seremos os próximos bodes expiatórios para o que não der certo no país?

RF – É. Eu acho que a coisa está chegando aí e tem que chegar. Não tem outra alternativa. No momento em que os comunistas aderiram ao poder, de uma maneira óbvia, clara. No momento em que eles toparam a anistia bilateral (eu nunca topei a anistia bilateral. Também nunca fui consultado. Mas eu jamais daria a anistia bilateral). Na medida em que as coisas forem caminhando e voltar a haver um confronto entre socialismo e capitalismo, em que haja qualquer ameaça ao capitalismo, eles evidentemente não vão se voltar contra os comunistas, eles vão se voltar mesmo para anarquistas.

Notas

¹ *O Inimigo do Rei*, n.19, Salvador, maio/1987. Disponível em <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/bitstream/handle/10/26380/o-inimigo-do-rei-1987-0019.pdf?sequence=2&isAllowed=y>.